

Expressões Idiomáticas da Língua Inglesa: uma compreensão sob o olhar da Pragmática

English Idiomatic Expressions: a pragmatic approach

Iveuta de Abreu, LOPES (UFPI)¹
Célia de Freitas, ARAÚJO NETA (UFPI)²
Thalita Christina Cavalcante, ARRÉ (UFPI)³

RESUMO

Este artigo resulta da observação de uma atividade de leitura em Língua Inglesa. Com o objetivo de verificar a compreensão que estudantes de inglês demonstram sobre algumas expressões idiomáticas, foram selecionados cinco alunos de uma turma de segundo ano do Ensino Médio e foi proposto que eles realizassem duas atividades: uma com expressões idiomáticas descontextualizadas e outra utilizando essas mesmas expressões imersas em contextos de uso. As análises partiram de conceitos clássicos como contexto, sentido e significado, sentido literal e sentido implicado, discutidos sob o viés de teorias pragmáticas, com base em autores como Levinson (2007), Armengaud (2006), Fiorin (2013, 2014), e de pesquisadores da área do Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa, como Crystal (1997), Brown (2004), Souza (2005), entre outros. A partir das análises, observou-se emergir algumas dificuldades e equívocos na compreensão das expressões apresentadas isoladamente, o que não ocorreu quando inseridas em contextos específicos de uso.

Palavras-Chave: Expressões idiomáticas, Língua inglesa, Pragmática, Leitura, Contexto

ABSTRACT

This article results from the observation of an English Language reading activity. In order to verify the comprehension English students demonstrate about some idiomatic expressions, five students from a second year of High School were selected and it was proposed for them to carry out two activities: one with decontextualized idiomatic expressions and the other using the same expressions immersed in contexts of use. Classical concepts such as context, sense and meaning, literal meaning and implicated meaning, discussed under pragmatic theories, were used in this analysis, based in authors such as Levinson (2007), Armengaud (2006), Fiorin (2013, 2014), and researchers of English Teaching and Learning, such as Crystal (1997), Brown (2004), Souza (2005), among others. From the analyses, some difficulties and misunderstandings emerged in the comprehension about the expressions presented without a context, which did not occur when they were inserted in specific contexts of use.

Keywords: *idiomatic expressions, English language, Pragmatics, reading, context*

¹ Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil. Programa de Pós Graduação em Letras; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0204-4301>; iveuta@uol.com.br

² Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil. Programa de Pós Graduação em Letras; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1564-2888>; celiafaraujo@hotmail.com

³ Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil. Programa de Pós Graduação em Letras; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6134-7556>; thalitacarre@hotmail.com

1. Introdução

Ao fazer traduções de textos escritos em inglês, bem como da fala de alguém que está se comunicando em Língua Inglesa, muitas pessoas, como estudantes, professores e até mesmo grandes profissionais especializados em tradução encontram dificuldades ao se deparar com expressões e frases que podem apresentar mais de um significado. Isso acontece porque é necessário ir além do sentido literal dessas expressões e entender seus contextos de uso. Se os grandes profissionais, que empreendem anos de suas vidas no estudo de uma segunda língua e de técnicas utilizadas para a tradução e compreensão dessa língua ainda vivem situações desse tipo, o que esperar da interpretação que estudantes do Ensino Médio fazem das expressões idiomáticas da Língua Inglesa?

As expressões idiomáticas que, como explica Saito (2013), são porções de frases cujo significado ultrapassa o sentido literal de seus itens lexicais, significam mais do que a simples interpretação das palavras que as compõem. Elas são comumente utilizadas na linguagem informal, mas como estão bastante enraizadas na cultura linguística dos falantes, também aparecem em discursos formais. São exemplos de expressões idiomáticas da Língua Inglesa expressões como “Piece of cake” e “It’s not my cup of tea”, que, levando em conta apenas o sentido literal, podem ser traduzidas como “pedaço de bolo” e “não é minha xícara de chá”. Entretanto, quando enunciadas em determinados contextos, as expressões citadas permitem traduções completamente distintas e podem ser traduzida como “muito fácil” e “não faz o meu tipo”.

Compreendendo a Pragmática como a parte da linguística que estuda a relação entre a estrutura da linguagem e o seu uso, Fiorin (2014) esclarece que há, em qualquer que seja a língua, palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta de fala, ou seja, apenas o conhecimento do sistema da língua não é suficiente para entender certos fatos linguísticos. Para uma compreensão adequada do sentido de expressões idiomáticas como as citadas no parágrafo anterior não basta que o interlocutor conheça o significado das palavras que a compõem. Conforme Grice (1982), quando se tem o conhecimento da Língua Inglesa, mas não se tem conhecimento algum das circunstâncias de enunciação, é possível saber o que o falante disse, admitindo-se que ele estava falando inglês e falando literalmente, entretanto, para uma identificação completa e real do que aquele falante disse, necessitar-se-ia saber a identidade do enunciador, o momento da enunciação e assim inferir o significado particular daquela expressão.

A partir da prática docente das pesquisadoras, tem sido possível perceber que muitos estudantes de Língua Inglesa do Ensino Médio, quando fazem leituras ou quando tentam compreender o que alguém fala em vídeos ou áudios em inglês, parecem não levar em consideração o uso que está sendo feito da língua. Como já se trata de um código diferente da sua língua materna, os alunos parecem focar apenas no que está posto, no sentido que a frase, palavra ou expressão tem em um contexto zero ou nulo

(SEARLE, 2002), sem se dar ao trabalho de identificar enunciador, tempo de enunciação e sem fazer as devidas inferências, necessárias em qualquer comunicação.

Com o objetivo de verificar a compreensão de algumas expressões idiomáticas da Língua Inglesa por estudantes do Ensino Médio, levando em consideração aspectos pragmáticos, para a realização deste estudo selecionaram-se, dentre estudantes de uma turma do segundo ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – *campus* Teresina Central, cinco alunos que apresentavam bom desempenho acadêmico, além de demonstrarem interesse na aprendizagem e uso da Língua Inglesa tanto dentro da sala de aula quanto fora dela. Para tanto, foi proposto a esses alunos que realizassem duas atividades que requeriam deles a compreensão de expressões idiomáticas isoladas e também em contextos de uso. As análises conduzidas partiram de conceitos clássicos como contexto, sentido e significado, sentido literal e sentido implicado, discutidos sob o viés de teorias pragmáticas, com base em autores como Levinson (2017), Grice (1982), Moura (1999), Searle (2002), Armengaud (2006), Fiorin (2013, 2014), e de pesquisadores da área do Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa, como Crystal (1997), Brown (2004), Souza (2005), Burke (2009), entre outros.

2. Ensino de Língua Inglesa

O ensino de línguas estrangeiras passou por diversas mudanças ao longo do tempo. No início do século XX, saber uma língua significava dominar sua gramática e traduzir frases de forma isolada, sem contextualizá-las. As atividades de sala de aula se restringiam à leitura, à tradução, à memorização de listas de vocabulários e não havia preocupação em fazer com que os alunos interagissem no idioma estudado. O foco não era a comunicação.

No final do século XX e início do XXI, entretanto, foi proposta a Abordagem Comunicativa do ensino de línguas, que centraliza o ensino na comunicação. Trata-se de ensinar o aluno a se comunicar em língua estrangeira e adquirir competência comunicativa. O objetivo não seria mais a memorização de regras gramaticais ou vocabulários “soltos” da língua, mas o uso dela.

Ao tratar da Abordagem Comunicativa da Língua, Brown afirma:

Nós estamos explorando meios para uma comunicação real em sala de aula. Estamos tentando fazer com que nossos alunos desenvolvam fluência linguística, não apenas a precisão gramatical que tanto consumiu nossa jornada histórica. Nós estamos equipando nossos alunos com ferramentas para gerar uma performance linguística não ensaiada fora da sala de aula, para quando eles saírem do ambiente uterino da sala de aula. Estamos preocupados em como facilitar o aprendizado da língua entre nossos estudantes, não apenas com as tarefas imediatas de sala de aula. Nós estamos olhando para os aprendizes como parceiros em uma aventura cooperativa. (BROWN, 2004, p. 42)⁴

⁴ Nossa tradução para o trecho citado: “We are exploring pedagogical means for “real life” communication in the classroom. We are trying to get our learners to develop linguistic fluency, not just the accuracy that so consumed our historical journey. We are equipping our students with tools for generating unrehearsed language performance “out there” when they leave the womb of our classrooms. We are concerned with how to facilitate lifelong language learning among our students, not just with the immediate classroom task. We are looking at learners as partners in a cooperative venture.”

A partir de então as tradicionais metodologias de ensino e conteúdos foram reformulados para atender às novas exigências. Em sala de aula, professores focariam suas atividades em exercícios com funcionalidade, trabalhando situações cotidianas da vida do estudante, como pedir e dar informações, fazer convites e expressar interesses (SOUZA, 2005).

Hoje, de acordo com o objetivo pretendido ao se estudar uma língua, diferentes abordagens podem ser aplicadas. Em cursos livres, a abordagem comunicativa é a mais utilizada, já que os alunos têm como principal objetivo comunicar-se efetivamente na língua. O que se propõe é que os professores trabalhem para que esses alunos adquiram competência nas quatro habilidades linguísticas: falar, entender, ler e escrever. Estudos revelam, no entanto, que em escolas de ensino regular, por motivos diversos, a realidade não é bem essa. O que se percebe é que, em sua grande maioria, o ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental e, principalmente, no Ensino Médio restringe-se a conteúdos gramaticais.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) (BRASIL, 2000), é necessário pensar o ensino e a aprendizagem das Línguas Estrangeiras Modernas em termos de competências abrangentes e não estáticas, já que a língua é veículo de comunicação de um povo e é através da forma de se expressar desse povo que utiliza a língua que se transmite cultura, tradições e conhecimentos.

No entanto, ao observar a realidade do ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio, principalmente na rede pública de ensino, percebe-se que o que de fato acontece está distante do que prega o documento. Por motivações diversas, a queixa dos profissionais da área é que o ensino de Língua Inglesa não avança, limita-se ao ensino de gramática e vocabulário, os quais, na maior parte das vezes, são estudados de forma isolada, sem correlação alguma com a realidade dos alunos ou com qualquer forma de cultura. Por esse motivo, muitos alunos saem do Ensino Médio com pouco ou nenhum conhecimento da Língua Inglesa.

Embora se observe que essa é a realidade do ensino de Língua Inglesa na grande maioria das escolas da rede pública, hoje os estudantes (e muitos professores também) contam com alguns aparatos que os aproximam do uso da língua estudada, como músicas, seriados e as próprias redes sociais, que, com a evolução da internet, acessibilizaram o contato entre jovens brasileiros e os de outros países. Então, mesmo que muitos alunos nem sempre contem com um ensino da língua que foque no uso e na comunicação, alguns desses alunos declaram que buscam em outros meios a compreensão da língua em sua totalidade. É buscando entender as dificuldades e as estratégias utilizadas por esses alunos no momento da compreensão de expressões cujos significados ultrapassam a mera tradução de palavras isoladas que esse artigo se propõe a verificar, a partir de uma atividade de leitura, como se dá a compreensão de algumas expressões idiomáticas da Língua Inglesa por um grupo de alunos do Ensino Médio.

Como já mencionado anteriormente, as expressões idiomáticas são porções de frases cujos significados extrapolam a literalidade das palavras (SAITO, 2013), ou seja, elas significam mais do que a simples interpretação dos vocábulos que as compõem. Essas expressões são comumente utilizadas na linguagem informal, porém, como estão bastante enraizadas na cultura linguística dos falantes, também aparecem em discursos formais.

Crystal (1997) e Burke (2009) acrescentam que as expressões idiomáticas correspondem a pequenas estruturas frasais difíceis de serem compreendidas, já que os seus significados, como um todo, são diferentes dos significados individuais de cada uma das palavras que constituem essas expressões. “As expressões idiomáticas têm expressividade e significado numa determinada língua e não podem ser traduzidas palavra por palavra para outra língua” (STONES, 2010, p. 76).

Seguindo este raciocínio, se ao ler ou ouvir uma expressão idiomática, considerarmos uma palavra individualmente, há a possibilidade dessa expressão não fazer sentido algum. Uma expressão idiomática só tem significado enquanto unidade. Dessa forma, qualquer substituição ou alteração na ordem da sua estrutura pode resultar em uma perda completa do seu significado original.

Quando uma criança ou adulto inicia a aprendizagem da Língua Inglesa, o vocabulário lhe é ensinado como se cada palavra tivesse um significado apenas. É dessa forma que a expressão idiomática “It’s raining cats and dogs”, que significa “está chovendo muito” é lida ao pé da letra como “está chovendo gatos e cachorros”. Esta abordagem muito comum no ensino de línguas estrangeiras, entretanto, pode não ser a mais apropriada, uma vez que quase todas as palavras são polissêmicas, ou seja, têm mais de um significado, dependendo principalmente do contexto em que são inseridas.

Partindo do pressuposto de que a compreensão das expressões idiomáticas só acontecerá se o contexto de uso da língua for levado em consideração no momento da leitura, este estudo se propõe a verificar como alunos do Ensino Médio leem e compreendem expressões idiomáticas em situações descontextualizadas e em situações contextualizadas.

3. Noções Teóricas Fundamentais

Segundo Fiorin e Discini (2013), a Pragmática é a teoria que estuda a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso, que foi deixado de lado pelas correntes linguísticas anteriores, como Estruturalismo e Gerativismo. Para uma análise pragmática, não se leva em consideração apenas os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos, mas todos os aspectos de uso da língua. Como explica Weedwood (2002), a pragmática é o estudo dos princípios e práticas que subjazem a todo o desempenho linguístico interativo, incluindo todos os aspectos de uso da língua, a compreensão e a adequação.

Observa-se que as diferentes abordagens de ensino de línguas foram evoluindo seguindo o desenvolvimento dos estudos linguísticos. Se em um momento o Estruturalismo e o Gerativismo tinham como objeto linguístico a língua e levavam em consideração seus aspectos formais, professores também

focavam suas aulas na estrutura da língua. Da mesma maneira, depois que os funcionalistas perceberam a necessidade de focar também intenções de uso da língua, bem como situações comunicativas, o ensino de línguas também percebeu a necessidade de mudanças.

Na perspectiva pragmática, iguala-se uso linguístico com uso comunicativo, e identifica-se a pragmática com uma explicação da inter-relação existente entre a linguagem e a situação comunicativa em que esta é tipicamente usada. Armengaud (2006) afirma que a pragmática é ainda uma disciplina jovem. Talvez esse seja um dos motivos para o grande enfoque ainda dado somente à forma da língua. Neste trabalho, porém, sabemos da grande relevância dos fatores relacionados ao uso da língua e, após conceituar e compreender alguns desses fatores, como contexto, sentido e significado, sentido literal e sentido implicado, verificamos a interferência deles na compreensão de algumas expressões idiomáticas.

3.1 Contexto

Quando estudamos as teorias pragmáticas, logo percebemos que o termo *contexto* aparece a todo o momento. Por exemplo, Dascal e Berenstein (1987) afirmam que a própria história da pragmática é a história dos múltiplos caminhos em que o sentido é dependente do contexto. Ao listar os conceitos mais importantes da Pragmática, Armengaud (2006) também menciona o contexto e afirma que “entende-se com ele a situação concreta em que os atos de fala são emitidos, ou proferidos, o lugar, o tempo, a identidade dos falantes, etc” (ARMENGAUD, 2006, p.13). Ou seja, o contexto engloba tudo o que necessitamos saber para entender e avaliar o que é dito. Ainda se referindo ao contexto, o autor afirma que quando estamos privados dele, sentimos ainda mais a sua indispensabilidade.

Levinson (2007, p.11), por sua vez, em uma das suas definições de Pragmática, afirma que a “Pragmática é o estudo das relações entre língua e contexto que são gramaticalizadas ou codificadas na estrutura de uma língua”. Embora cite a definição acima, o autor esclarece que tal definição não é a mais coerente, pois ainda restringe a pragmática ao estudo de certos aspectos da estrutura linguística.

É interessante observar que ao estudar a relação dos signos com seus usuários, a Pragmática valoriza a noção de contexto, entretanto, devido a amplitude em que o termo é usado, faz-se necessário estabelecer o que de fato é o contexto nas teorias pragmáticas.

Trabalharemos, então, de acordo com Armengaud (2006), que sugere que contexto é tudo aquilo que circunda os interlocutores. É de nosso conhecimento também que os limites desse contexto são dinâmicos e se estendem para várias direções de acordo com o que é dado ou escolhido pelos participantes na interação. Os indivíduos envolvidos nessa interação estarão focalizando a sua atenção e levando em conta os fatores sociais, culturais, psicológicos, crenças e propósitos. Não esqueceremos, ainda, que o contexto também está relacionado ao conhecimento de mundo dos interlocutores, indispensável para a interação como um todo.

Fiorin (2014) inicia um tópico de seu livro em que trata da linguagem em uso citando um exemplo em que perguntam ao falecido historiador, crítico literário e jornalista Sérgio Buarque de Holanda se Chico Buarque de Holanda era seu filho, no que prontamente o historiador respondeu: Não, o Chico não é meu filho, eu é que sou pai dele. Ou seja, não basta ter conhecimento do sistema da língua para compreender alguns fatos linguísticos utilizados numa situação concreta de fala. É importante levar em consideração conhecimentos que vão além da forma. No caso citado acima, o interlocutor necessitou utilizar fatores sociais, culturais e psicológicos para compreender o propósito de Sérgio Buarque de Holanda ao responder a pergunta daquela maneira. O sentido do que se fala/escreve é diferente do significado do mesmo enunciado.

3.2 Sentido e Significado

Sentido e significado são termos importantes para dois campos dos estudos linguísticos: a Semântica e a Pragmática. De uma maneira geral, podemos afirmar que as duas são ciências que estudam a significação, mas, apesar dos limites parecerem tênues, eles realmente existem porque a significação é estudada por ambas a partir de pontos de vistas distintos.

Para Moura (1999), as pesquisas em semântica estão enraizadas em duas tradições opostas: a tradição semiológica e a tradição lógica. A primeira analisa a significação na língua como um sistema de regras sobre o tipo de relação que as palavras mantêm entre si, enquanto a segunda está envolvida em estabelecer algum elo entre a linguagem e o mundo. Os esforços da tradição lógica na direção de incorporar elementos contextuais na significação tornaram os limites entre semântica e pragmática ainda mais tênues, porém, as diferenças persistem pelas diferentes maneiras de incorporar na significação esse contexto, que como explicado no tópico anterior, tem conceituações bastante amplas.

Em latim, significar era dar a entender por meio de sinais, todavia, sabemos que as línguas são muito mais complexas do que aquilo que tratamos como sinais e é por esse motivo que o estudo da significação apresenta tantas facetas, como as levadas em consideração na pragmática ou as que são abordadas na semântica. As expressões idiomáticas das diferentes línguas são exemplos de diferentes modos de compreender a significação. Se lermos ou escutarmos a frase “It’s not my cup of tea” (Não é minha xícara de chá) sem nenhum contexto de uso, ou seja, sem observar em que situação, por quem e com que pretensão é usada, dificilmente atribuiríamos a ela um sentido diferente do significado da frase, formado pela relação entre as palavras que a compõe. Se por outro lado, não nos for privado o contexto (aspectos culturais e a própria cena de enunciação da frase), quase sempre conseguimos agregar a aquele conjunto de palavras um novo sentido.

Conforme Fiorin (2014), há, na Pragmática, uma distinção fundamental entre sentido e significado. O significado é o produto das indicações linguísticas dos elementos componentes da frase, enquanto o sentido é algo mais amplo, pois abarca a significação da frase acrescida das indicações

contextuais e situacionais. O significado é estudado pela semântica, já o sentido de um enunciado é objeto da Pragmática. Corroborando o que foi citado, Cançado (2012) afirma que o estudo da semântica está voltado para a investigação do significado das sentenças, enquanto a investigação pragmática está centrada sobre significados que têm relação com os usos situados da língua e com certos tipos de efeitos intencionais.

3.3 Sentido Literal x Sentido Implicado

O sentido literal de uma palavra, frase ou expressão é aquele que pode ser tomado como seu significado básico, usual, ou seja, o significado que encontramos no dicionário. A compreensão desse sentido literal dispensa a ajuda de contextos. Mas, é mesmo possível uma frase ou expressão ser compreendida sem o conhecimento de aspectos contextuais?

Os limites entre a semântica e a pragmática estão justamente em torno da ideia de sentido literal e contexto nulo, ou seja, do significado das frases, que não leva em consideração o contexto. Searle (1978, apud ARMENGAUD, 2006) afirma que o sentido literal de uma frase não é inexistente, mas relativo a proposições anteriores, que ele chama de proposições contextuais. A afirmação de Searle consiste em considerar frases que parecem ser exemplos favoráveis à ideia segundo a qual o sentido literal é independente do contexto para mostrar que, em cada caso, a aplicação da noção de sentido literal de uma frase é relativa a um conjunto de proposições contextuais anteriores, ou seja, nunca é independente de contextos.

A Pragmática demonstra que uma mesma frase permite sentidos diferentes, a depender do contexto (de quem fala, a quem se fala, do momento em que se fala, da pretensão que se tem ao falar, etc). Ao explicar as implicaturas na Pragmática, Moura (1999) dá como exemplo a frase “Maria se separou do marido” e explica que podemos compreendê-la de formas diversas. Podemos tirar da frase somente o que está posto na frase, seu sentido literal, mas dependendo de quem e para que se enuncia, os sentidos podem variar. Se imaginarmos a situação em que uma pessoa diz a mesma frase a alguém que está interessado em Maria, esse alguém interessado entenderá que Maria agora está livre. Então, como visto, existe o sentido literal e os sentidos implicados para uma mesma frase.

As expressões idiomáticas são exemplos claros dos diferentes sentidos que uma mesma frase ou palavra pode ter. Partindo do princípio de que o contexto possibilita melhor entendimento das expressões idiomáticas da língua inglesa, analisaremos como e se estudantes do ensino médio utilizam essas informações contextuais para a compreensão dessas expressões.

4. Construindo os sentidos das expressões idiomáticas

Com o propósito de fazer uma avaliação prévia sobre o nível de proficiência em Língua Inglesa dos sujeitos participantes dessa pesquisa, desenvolvemos, preliminarmente, uma etapa diagnóstica que

serviu para selecionarmos, dentre um universo de 40 estudantes de uma turma de segundo ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Piauí – *campus* Teresina Central, os alunos participantes da pesquisa.

Essa primeira etapa deu-se através da avaliação dos boletins dos alunos, bem como pela observação do comportamento deles em sala de aula, quanto ao interesse e participação demonstrados. Dessa forma, os cinco alunos selecionados foram aqueles que obtiveram melhor desempenho nas avaliações, que participaram efetivamente das aulas e que manifestaram interesse na aprendizagem e uso da língua inglesa dentro e fora de sala de aula. Além disso, outro aspecto foi levado em consideração no momento da seleção dos cinco participantes: eles foram os alunos que demonstraram mais proximidade com músicas, filmes e seriados, os quais, segundo eles mesmos, eram escutados e assistidos em língua inglesa.

Após a seleção dos sujeitos, marcamos um encontro com os cinco para a aplicação de um questionário no qual eles responderam a perguntas que tratavam de seus níveis de proficiência em língua inglesa, se estudam ou estudaram a língua em outro ambiente que não o da escola, a frequência com que escutavam músicas e assistiam a filmes em inglês, etc. Essa etapa serviu de apoio para as análises, em um momento que foi necessário traçar um comparativo entre o nível de proficiência que os alunos julgam ter da língua inglesa e o que de fato acontece quando são expostos a expressões que requerem mais do que a tradução das palavras.

As expressões idiomáticas também foram selecionadas levando-se em consideração o nível vocabular dos estudantes. Optamos por escolher oito expressões compostas por palavras bastante corriqueiras no dia a dia desses estudantes ao invés de expressões que requeressem deles um maior esforço. As oito expressões foram:

1. It's raining cats and dogs.
2. It's not my cup of tea.
3. I'm over the moon.
4. It cost me an arm and a leg.
5. He kicked the bucket.
6. Don't drop the ball again!
7. Talk is cheap!
8. Piece of cake!

Após a observação e seleção dos participantes da pesquisa, da realização do questionário inicial e da escolha das expressões com as quais iríamos trabalhar, iniciamos a etapa em que o principal objetivo era observar como os alunos compreendiam as expressões idiomáticas. Primeiramente as expressões foram apresentadas de forma descontextualizada. Entregamos aos alunos uma folha de papel contendo as

oito expressões mencionadas acima e pedimos que eles respondessem, individualmente e em silêncio, como as entendiam. Importante frisar que nada lhes foi explicado acerca do conceito de expressão idiomática, tampouco mencionamos que a atividade seria baseada em algumas dessas expressões.

Depois de responderem a essa primeira atividade, os alunos receberam um segundo exercício. Dessa vez, as expressões estavam contextualizadas e, da mesma forma, solicitamos que os alunos escrevessem como as compreendiam.

Ressaltamos que a contextualização das expressões idiomáticas não se deu por meio de textos longos. Procuramos apresentar aos alunos apenas trechos curtos de alguns diálogos criados, para que eles tivessem acesso a uma situação mais real de uso, como podemos ver a seguir:

Quadro 1. Expressões idiomáticas contextualizadas

| |
|---|
| 1. A minute ago the weather was wonderful, the sun was shining brightly, but now we can't go out because <i>it's raining cats and dogs!</i> |
| 2. <u>Sally</u> : Monica, did you see the new student we have in our school? He is so cute! He wears glasses and he knows everything about books and movies and rock bands and he is always talking to everyone... I think I'm in love with him! <u>Monica</u> : Yeah! I saw him! But <i>he's not my cup of tea!</i> I don't like boys like him, I prefer the more discreet ones. |
| 3. <u>Sally</u> : Monica, did you see the new student we have in our school? He is so cute! He wears glasses and he knows everything about books and movies and rock bands and he is always talking to everyone... I think I'm in love with him! <u>Monica</u> : Yeah! I saw him! But it's not my cup of tea! I don't like boys like him, I prefer the more discreet ones. <u>Sally</u> : I love boys like him! He is so smart and talkative... can't stop thinking about him! Seriously, <i>I'm over the moon!</i> |
| 4. I'd like to travel all over Europe, but <i>the air fare might cost me an arm and a leg.</i> |
| 5. My aunt Emma was a nice woman and she used to study a lot, but exactly when she got into university, she got a cancer and <i>kicked the bucket.</i> |
| 6. You lied to me, but I still trust you! I'll give you a second chance, so, <i>don't drop the ball again!</i> |
| 7. In a classroom... <u>Student</u> : Hey, teacher! Is the test difficult? I study a lot, but... <u>Teacher</u> : It's not difficult! It's a <i>piece of cake!!!!</i> |
| 8. Kate and Hellen were talking about Kate's boyfriend... <u>Kate</u> : Tom is driving me crazy! He is always busy... and he has no time for me! |

Hellen: Kate, try to understand... he needs to study, it's a hard year, he wants to get into the university...

Kate: You are speaking like this because you don't have a boyfriend... you don't understand!

Talk is cheap!

Fonte: LOPES, ARAÚJO NETA E ARRÉ (2017).

Durante a realização das duas atividades, pedimos aos alunos que não conversassem e que focassem apenas no que estavam respondendo, para que, dessa forma, os comentários dos colegas não interferissem no modo como os outros compreendiam as expressões e os textos. Informamos a eles que somente após o recolhimento das tarefas nós conversaríamos e eles poderiam comparar e compartilhar suas respostas.

Salientamos ainda que durante as duas atividades, tanto quando as expressões foram apresentadas de forma isolada quanto quando apresentadas em contexto, o uso do dicionário foi liberado, já que o objetivo não era medir o nível do conhecimento vocabular dos alunos, mas a maneira como eles compreendiam as expressões.

A partir de agora, momento em que apresentaremos as discussões e resultados obtidos nessa pesquisa, para garantir a confidencialidade dos cinco sujeitos envolvidos em nosso estudo, iremos nos referir a cada um deles como alunos A, B, C, D e E.

Conforme suas respostas no questionário entregue em uma das primeiras etapas da pesquisa, todos os alunos possuem 16 anos de idade, gostam de inglês, costumam escutar músicas e assistir a filmes e séries em inglês. Apenas os alunos C e D fizeram curso de inglês fora da escola, mas quando questionados sobre seus níveis de proficiência em Língua Inglesa, eles responderam:

Quadro 2. Respostas dos discentes acerca de suas proficiências em Língua Inglesa

Aluno A: “Meu inglês é intermediário!”

Aluno B: “Ah! Acho que de básico para intermediário.”

Aluno C: “Avançado!”

Aluno D: “Intermediário”

Aluno E: “Intermediário”

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao fim das duas atividades, discutimos primeiramente as respostas que os alunos deram quando as expressões foram apresentadas isoladamente. Todos eles logo disseram já conhecer algumas das expressões idiomáticas apresentadas, como é o caso da expressão 8 (Piece of cake). Eles falaram que a

professora de inglês sempre utilizava na sala de aula e todos escreveram ao lado, como resposta, “Muito fácil!”, “Moleza!”.

Para a expressão 1 (*It’s raining cats and dogs*), A, B, D e E escreveram “está chovendo muito”. C foi o único que escreveu o significado literal da expressão 1. Durante as discussões, após o recolhimento das tarefas, D e E disseram que já conheciam a expressão 1. O aluno B, apesar de não ter dito se conhecia ou não a expressão, acrescentou: temos em português uma expressão parecida que é “tá chovendo canivete”!

Na expressão 4 (*It cost me an arm and a leg*), A e E responderam com o sentido literal da expressão. B, C e D não fizeram o mesmo, deram à expressão um sentido implicado. C ainda escreveu “tipo... me custou os olhos da cara”.

Com exceção das expressões 1 (*It’s raining cats and dogs*), 4 (*It cost me an arm and a leg*) e 8 (*Piece of cake*) – já conhecidas pelos alunos, como eles mesmos nos reportaram ao fim das atividades – as outras expressões foram respondidas levando em consideração apenas o significado literal das palavras. Apenas C respondeu tentando fazer considerações que vão além da literalidade das palavras. O aluno demonstrou compreensão do sentido de quase todas as expressões mesmo sem o contexto, porém, na conversa final, observamos que ele fez muitas tentativas de adivinhações para obter suas respostas. Percebemos ainda que, nas expressões em que não conseguiu adivinhar e de fato não conhecia a expressão, o aluno respondeu com o sentido literal da expressão, como no caso da número 3 (*I’m over the moon*), em que o aluno escreveu “estou sobre a lua” e pediu desculpas por não saber que sentido poderia ter.

Percebemos que, ao lerem algumas expressões, os alunos tentaram fazer comparações com as expressões idiomáticas da Língua Portuguesa. Aquelas expressões que possuem alguma semelhança com uma expressão da língua materna foram imediatamente traduzidas da mesma forma, como “Está chovendo canivete” e “Me custou os olhos da cara”.

De acordo com Silva (2011), as pessoas percebem e categorizam o mundo tendo como critério noções de semelhança e diferença a partir de conhecimentos já adquiridos. Ou seja, parece que expressões idiomáticas na Língua Inglesa com equivalentes na Língua Portuguesa são mais facilmente compreendidas do que as demais. Entretanto, mesmo tentando utilizar várias estratégias para melhor compreensão das expressões apresentadas, pudemos perceber que não houve lugar para uma interpretação que fosse além do significado literal das palavras que compõem as expressões idiomáticas, já que não foi apresentada aos alunos nenhuma situação de seus usos.

No segundo momento de atividades, quando entregamos a esses alunos as mesmas expressões, mas, agora, de forma contextualizada, apresentando momentos de uso, percebemos que a compreensão se deu de outra forma. B chegou a comentar, enquanto respondia a segunda parte da atividade, que “agora sim, consigo entender o que isso quer dizer”.

A expressão 2 (It's not my cup of tea), que todos (com exceção de C) haviam respondido com o sentido literal, quando apresentada em contexto, foi bem compreendida. O mesmo ocorreu com o restante das expressões. A única que permaneceu sendo compreendida ou literalmente ou de forma errada foi a expressão 5 (He kicked the bucket). Apesar de A, B e D entenderem que no contexto apresentado o sentido era "Ele morreu", C (que havia escrito na primeira atividade que a expressão significava desistir de algo) pareceu não entender o enunciado apresentado e escreveu que naquele caso o sentido da frase era "Ele chutou o balde", ou seja, o aluno traduziu a frase literalmente. Da mesma forma, E pareceu não entender o enunciado como um todo e acabou escrevendo que a expressão significava desistir de algo.

É interessante observar o comportamento dos alunos com relação a expressão 7 (Talk is cheap). Na primeira atividade, todos escreveram ao lado "falar é barato" e, durante a atividade, mesmo sabendo que não podiam trocar informações entre si, os alunos comentavam intrigados que estavam achando a expressão muito estranha. Entretanto, assim que lhes foi apresentada a situação de uso, todos deram à expressão o sentido adequado.

Na nossa conversa final, quando questionamos se as respostas que eles deram na primeira atividade se confirmaram na segunda, os alunos disseram que algumas sim, mas a maioria não tinha nenhuma relação com o que eles haviam escrito antes. Um dos alunos disse já ter consciência da importância de não traduzir nada ao "pé da letra", palavra por palavra, mas que depois de atividades como as que acabara de realizar, conseguia perceber mais ainda como entender o contexto de uso da língua é importante para compreendê-la melhor. O comentário do aluno confirma o que Armengaud (2006) já dizia sobre a indispensabilidade do contexto, principalmente em situações em que ele nos é retirado.

Considerações Finais

De forma geral, o que pudemos constatar com a realização da atividade é que a compreensão das expressões idiomáticas é mais bem sucedida quando levamos em consideração o contexto, quando temos informações acerca do momento em que tal expressão é enunciada, por quem, para quem e com que intenção. O contexto tem um papel importante na construção do significado idiomático e, quanto maior a opacidade da expressão (como no caso da expressão 7 - Talk is cheap!), mais difícil é a sua interpretação.

Embora tenhamos percebido que os alunos tentaram fazer uso de algumas estratégias para conseguir compreender as expressões (como relacioná-las a expressões da língua materna, tentar adivinhar um sentido em que a expressão poderia ser usada de acordo com seus conhecimentos de mundo, etc.), é perceptível a diferença na maneira como compreenderam as expressões quando apresentadas em um contexto.

Entendemos, então, que não basta apresentar aos alunos regras gramaticais ou vocabulários soltos da Língua Inglesa. Fiorin (2014) já dizia que a interpretação de muitas palavras e frases só pode ocorrer em situação concreta de fala, que o conhecimento do sistema da língua não é suficiente para seu

entendimento. Do mesmo modo, Grice (1982) esclarece que, quando temos o conhecimento da Língua Inglesa, mas não temos nenhum conhecimento das circunstâncias de enunciação, podemos até identificar o que o falante disse (admitindo-se que ele estava falando inglês e falando literalmente), contudo, para uma compreensão completa e real do que aquele falante disse, precisaríamos dar conta dos aspectos contextuais daquela enunciação.

Então, podemos concluir que os aspectos relacionados à forma têm, sim, grande importância na aprendizagem de uma língua estrangeira, entretanto, a compreensão desta língua requer também a exposição dos alunos a contextos em que a língua é usada. Como afirma Widdowson (1991), frequentemente confunde-se saber uma língua com possuir conhecimento das formas corretas dessa língua, mas esse conhecimento por si só resulta de pouca utilidade.

Em nossa pesquisa, observamos e analisamos a compreensão que cinco alunos de uma turma de segundo ano de Ensino Médio que mantêm proximidade com a língua inglesa demonstraram sobre algumas expressões selecionadas. Sabemos, no entanto, que o ensino de língua inglesa em escolas regulares ainda se restringe ao ensino da forma da língua, apesar da grande importância de se estudar a língua em sua completude. É por esta razão que sugerimos para pesquisas futuras um estudo com um corpus maior, em que alunos que não tenham familiaridade com a língua inglesa também possam ser avaliados e que se possa abordar e analisar a importância dos aspectos contextuais no ensino-aprendizagem da língua inglesa.

Referências

- ARMENGAUD, Françoise. *A Pragmática*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.
- BRASIL/SEMTEC (2000) *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília, DF:MEC/SEMTEC.
- BRASIL/SEMTEC (2002) *PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*.
- BROWN, H. D. *Teaching by principles. An interactive approach to language pedagogy*. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.
- BURKE, D. *Biz talk: American business slang and jargon*. Berkeley, California: Optima books, 2009.
- CANÇADO, M. *Manual de Semântica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CRYSTAL, D. *English as a global language*. Cambridge: Cambridge U.P., 1997.
- DASCAL, M.; BERENSTEIN, I. Two modes of understanding: comprehending and grasping. In *Language and communication*. Netherland Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Science, 1987.
- FIORIN, J. L.; Discini, N. O uso linguístico: a pragmática e o discurso. In FIORIN, J. L. (Org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013.
- FIORIN, J. L. *A linguagem em uso*. In FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística: Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2014.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges, Anibal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- MORRIS, C. *Fundamentos da teoria dos signos*. Trad. António Fidalgo. Universidade da Beira Interior, 1994.
- SAITO, F. S. Algumas expressões idiomáticas hiperbólicas do Português Brasileiro e suas relações com os frames de Avaliação e Massa Quantificada. *Revista Gatilho*, Ano VIII, n 16, maio de 2013.

- SILVA, N. H. *Metáfora e metonímia nas construções com pé: uma abordagem cognitivista*. 2011. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- SOUZA, M. L. *A Abordagem comunicativa: influências e reflexos no Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa*. São Luís, [s.n.], 2005.
- STONES, P. *The importance of cultures and the process of learning English as a second/foreign language*. New York: Warner Books, 2010.
- WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2002.
- WIDDOWSON, H. G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Trad. José Carlos P. de Almeida Filho. Campinas. SP: Pontes, 1991.

Iveuta de Abreu Lopes is PhD in Linguistics by the Federal University of Pernambuco. She holds a Master's degree in Linguistics from University of Brasilia. She is graduated in Language at the Federal University of Piauí (Portuguese language and literature/English language and English and North American literature). She is currently a professor at the Federal University of Piauí. She has experience in Linguistics, with emphasis on Sociolinguistics, working mainly in the following areas: Linguistics, Portuguese Language, Literacy / Writing / Community, interaction and teaching. E-mail: iveuta@uol.com.br

Célia de Freitas Araújo Neta is a Master's student at the Federal University of Piauí (2017); she holds a Specialization degree in High Education Teaching from Estácio CEUT (2016); she is graduated in Language - Portuguese/English at the University of Pernambuco (2006). She is currently a regular English teacher at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Piauí (IFPI). She has experience in Education, with emphasis on English teaching. E-mail: celiafaraujo@hotmail.com

Thalita Christina Cavalcante Arré is a Master's student in Linguistics at the Federal University of Piauí (2017). She holds a Specialization degree in High Education Teaching and in School Management from the Multiple Teaching Superior Institute (2016). She is graduated in English Language at the State University of Piauí (2010). She is currently working as a teacher at Bright Bee Bilingual School in Teresina, Piauí. She has experience in Education, with emphasis in English Teaching and Bilingual school. She holds Cambridge FCE Certification and Cambridge Teaching Knowledge Test Certification levels 1, 2, 3. E-mail: thalitacarre@hotmail.com